Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

LITERATURA E AUTOBIOGRAFIA: IMAGENS DA DEPRESSÃO NOS DIÁRIOS DE LIMA BARRETO

LITERATURE AND AUTOBIOGRAPHY: DEPRESSION IMAGES IN THE DIARIES OF LIMA BARRETO

Poliana da Silva Carvalho
Ana Paola Laeber
Ezequiel Gonçalves de Paula

RESUMO - A presente pesquisa objetiva-se analisar o contexto histórico-psiquiátrico em que estão inseridas as obras *Diário Íntimo* (1953) e *Diário do Hospício* (1953), por meio do desenvolvimento das narrativas das quais se podem depreender indícios da linguagem depressiva de Lima Barreto (1881-1922), sob um viés psicopatológico que traz à tona indícios de depressão e melancolia. Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido por Lima Barreto, teve a maior parte de sua obra redescoberta e publicada em livro após sua morte. "*Diário Íntimo*" e "*Diário do Hospício*" são apenas algumas de suas obras póstumas. Escritor pré-modernista, Lima Barreto buscou retratar os modos de vida dos subúrbios cariocas, sendo ele também o protagonista deste cenário. Ele, literato negro, pertencente à nação brasileira, constituiu − e ainda constitui − por meio de suas obras um amplo painel da sociedade na qual estava inserido, jamais abdicando do que era a função maior da literatura: intervir nas questões de seus tempos, expondo, por meio de suas subjetividades, um discurso para aqueles que são atormentados pela intolerância social. Tendo como mote as obras *Diário Íntimo e Diário do Hospício*, procuraremos entender o modo como esse enunciador fez de suas produções literárias uma prática de intervenção nas questões urbanas e sociais, na dupla dimensão de escritor e cidadão e o quanto o contexto afetou a sua vida, por pertencer à minoria na sociedade brasileira de sua época. Nosso método para esse estudo é a pesquisa descritiva, bibliográfica, com leitura reflexiva e investigativa, seguida de análise e interpretação dos diários supracitados. Espera-se que a discussão acerca destas obras sirva como base para que se estude a sociedade brasileira e como esta se vê e é vista, sobretudo no que diz respeito aos problemas sociais e como estes podem afetar a vida do indivíduo vulnerável, como afetou a vida de Lima Barreto, por exemplo.

Palavras-chave: Literatura; Diário Íntimo; Diário do Hospício; Psiquiatria; Depressão.

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

ABSTRACT - The present research aims to analyze the historical-psychiatric context in which the works *Diário Íntimo* (1953) and *Diário do Hospício* (1953) are inserted through the development of the narratives from which one can deduce indications of the depressive language of Lima Barreto (1881-1922), under a psychopathological bias that brings to the surface indications of depression and melacholy. Afonso Henriques de Lima Barreto, better known as Lima Barreto, had most of his work rediscovered and published in a book after his death. "*Diário Íntimo*" and "*Diário do Hospício*" are just some of his posthumous works. A pre-modernist writer, Lima Barreto sought to portray the ways of life of the Carioca suburbs, being also the protagonist of this scenario. He, a black literary, belonging to the Brazilian nation, constituted - and still constitutes - through his works a broad panel of society in which he was inserted, never giving up what was the major function of literature: intervening in the questions of his times, exposing, through his subjectivities, a discourse for those who are tormented by social intolerance. Having as motto the works *Diário Íntimo* and *Diário do Hospício*, we will try to understand how this enunciator made of his literary productions a practice of intervention in urban and social issues, in the double dimension of writer and citizen and how much the context affected his life, for belonging to the minority in the Brazilian society of his time. Our method for this study is the descriptive, bibliographical research, with reflective and investigative reading, followed by analysis and interpretation of the aforementioned diaries. It is hoped that the discussion about these works will serve as a basis for studying Brazilian society and how it sees itself and is seen, especially with regard to social problems and how these can affect the life of the vulnerable individual, how it affected the life of Lima Barreto, for example.

Keywords: Literature; Diário Íntimo; Diário do Hospício; Psychiatry; Depression.

INTRODUÇÃO

Há muito em comum entre literatura e medicina. Ambas têm a ver, em última análise, com a condição humana; e nada é mais revelador desta condição do que a doença. Quando um indivíduo está doente, sobretudo quando está gravemente doente, caem suas máscaras, suas defesas, e ele se mostra tal qual é. Mas esta é uma situação que precisa ser expressa por meio da palavra, e de novo, este é um elo comum. A literatura utiliza a palavra como instrumento estético; a medicina utiliza a palavra como

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

forma de investigação, como meio de comunicação e também como terapia. (SCLIAR, 2009).

A fim de correlacionar literatura e medicina, mais especificamente com a psiquiatria, por meio de uma pesquisa interdisciplinar, delimitou-se como recorte de pesquisa a análise do discurso no texto literário, nas obras *Diário*[1] *Íntimo* e *Diário do Hospício*, de Lima Barreto, sob a perspectiva da depressão ou linguagem depressiva na literatura. A delimitação do assunto está subordinada, portanto, à cenografia e ao ethos do próprio literato, que nas supracitadas obras não é apenas o escritor, como também o protagonista das próprias narrativas.

A partir disso, a questão-problema norteadora da pesquisa é a seguinte: é possível diagnosticar o quadro psiquiátrico (ou psicopatológico) por meio do contexto vivido por Lima Barreto, considerando as particularidades da sua escrita literária sob a égide das narrativas autobiográficas construídas no encadeamento discursivo dos diários?

Como forma de responder à pergunta e operacionalizar a pesquisa, estabeleceu-se como objetivo geral: analisar o contexto histórico-psiquiátrico em que estão inseridas as obras *Diário Íntimo* e *Diário do Hospício*, por meio do desenvolvimento das narrativas das quais se podem depreender indícios de linguagem depressiva do escritor.

Consoante ao objetivo geral, delimitamos os seguintes objetivos específicos: contextualizar a sociedade brasileira na transição do século XIX para o século XX, principalmente no que diz respeito às doenças da época; mostrar o momento histórico da psiquiatria a partir do contexto e de elementos biográficos presentes nos diários barretianos; e ressaltar como o contexto de vida, do qual deriva o discurso do narrador-personagem Lima Barreto, desencadeou sintomas como a depressão e/ou melancolia e a doença mental em seus diários.

Para fundamentar a pesquisa, cuja natureza é descritiva, bibliográfica e com abordagem qualitativa para análise das obras, partiu-se do arcabouço teórico de Dalgalarrondo (2000), Orlandi (2005) e Blanchot (2005), cujas teorias sustentarão a análise dos diários. O *corpus* deste estudo tem como base *Diário Íntimo* e *Diário do*

---

[1] O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. (BLANCHOT, 2005, p. 270)

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Hospício, do escritor brasileiro e pré-modernista Lima Barreto, publicadas, postumamente, em 1953.

Concluiremos com a apresentação dos resultados obtidos por meio da análise das obras escolhidas, ressaltando a importância do texto literário não só para desenvolver a leitura crítico-reflexiva, mas também para demonstrar como o meio/contexto, a história de vida, entre outros aspectos interferem efetivamente na vida de um ser humano. Lima Barreto é, sem dúvida, "produto do meio". (grifo nosso).

O RETRATO DA SOCIEDADE BRASILEIRA NA TRANSIÇÃO DOS SÉCULOS XIX-XX: CIDADE E LITERATURA NO RIO DE JANEIRO

Pensar a sociedade na época de Lima Barreto é considerar, especialmente, o Rio de Janeiro, capital do Brasil no início do século XX. A cidade crescia sem planejamento e as favelas e cortiços predominavam na paisagem. Em decorrência da falta de rede de esgoto e coleta de lixo, considerada na época muito precária, dezenas de doenças se proliferavam na população, como: Tifo, Febre Amarela, Peste Bubônica, Varíola, entre outras. O presidente Rodrigues Alves[2], ao perceber que esse cenário poderia piorar, toma a decisão de fazer uma reforma no centro do Rio de Janeiro. O presidente abordou este assunto na seguinte mensagem enviada no dia 3 de maio de 1903 ao Congresso Nacional:

> As condições gerais de salubridade da capital, além de urgentes melhoramentos materiais reclamados, dependem de um bom serviço de abastecimento de águas, de um sistema regular de esgoto, da drenagem do solo, da limpeza pública e do asseio domiciliar. Parece-me, porém, que o serviço deve começar pelas obras de saneamento do

[2] Francisco de Paula Rodrigues Alves foi o quinto presidente da República Brasileira, assumindo o mandato em 15 de novembro de 1902. Não foi um republicano histórico como os antecessores civis da presidência da república, tendo atuado como conselheiro do Império durante os anos finais desse regime. Rodrigues Alves foi convidado pelos republicanos para compor a Assembleia Constituinte de 1890 e contribuir com a experiência adquirida na atuação política durante o Império. Dessa forma, Rodrigues Alves tornou-se um dos quadros da política republicana, atuou como Senador, Ministro da Fazenda (1891-1892 e 1894), Ministro da Justiça (1891-1892) e presidente do Estado de São Paulo, antes de assumir a presidência do país.

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

> porto, que têm de constituir a base do sistema e hão de concorrer não só para aquele fim utilíssimo, como evidentemente para melhorar as condições do trabalho, as do comércio e o que não deve ser esquecido, as da arrecadação de nossas rendas. (BRENNA, 1985, p.311-312).

Rodrigues Alves implementou projetos de saneamento e urbanização em parceria com o biólogo e sanitarista Oswaldo Cruz, que tornou-se chefe do Departamento Nacional de Saúde Pública e, ao lado do então prefeito Pereira Passos, deu início à reforma que incluía a demolição das favelas e cortiços com a expulsão dos seus moradores para as periferias e a criação das Brigadas Mata-Mosquitos, em que grupos de funcionários do serviço sanitário e policiais invadiam as casas, a fim de matar insetos.

A reforma causou revolta na população e a situação só piorou com a aprovação da Campanha da Vacinação Obrigatória. A população iniciou uma onda de ataques à cidade, destruindo bondes, prédios, trens, lojas, bases policiais etc. Os cadetes da Escola Militar da Praia Vermelha também se voltaram contra a lei da vacina. A revolta popular fez com que o governo suspendesse a lei, que deixou de ser obrigatória. Para finalizar a rebelião, Rodrigues Alves colocou nas ruas o exército, a polícia e a marinha. No final da revolta, conhecida como a Revolta da Vacina, o governo recomeça a vacinação da população, tendo como resultado a erradicação da varíola na cidade.

Nesse contexto histórico nasce Lima Barreto, mais especificamente em 13 de maio de 1881, segundo filho de pais pobres e mestiços. Era filho de João Henriques de Lima Barreto, tipógrafo, e Amalia Augusta, professora. A Lei Áurea seria assinada quando Lima completasse 7 anos. Mesmo assim, Afonso Henriques e toda a sua família estariam a mercê de uma sociedade preconceituosa, afinal, mesmo com o fim da escravidão, seu legado continuaria presente na vida de negros e mestiços da época (NATAL, 2017).

O contexto histórico e as transformações pelas quais a sociedade passava no período de produção literária de Lima Barreto se fizeram presentes em seus textos, influenciando diretamente a sua literatura. Segundo Saturnino e Santos (2015), Lima surge como um autor diferente de seus antecessores, pois procurava por meio de seu projeto literário retratar os acontecimentos que atingiam a sociedade naquela época. Ainda de acordo com os autores supracitados, a escrita de Lima Barreto era clara e se aproximava das pessoas; entrava a todo instante em conflito com a forma literária da época, motivo pelo qual ele se tornava ainda mais rejeitado por outros escritores também daquele tempo.

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Neste sentido, "sua literatura é contemporânea a grandes mudanças sociais brasileiras, como a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e as transformações urbanas no Rio de Janeiro, por esta razão suas obras foram muito influenciadas por todas essas transformações [...]". (SATURNINO; SANTOS, 2015, p. 13).

Conforme explicitado, as transformações pelas quais sua cidade natal Rio de Janeiro passava, atrelado às mudanças em que a sociedade da época vivenciava tornaram Lima Barreto um escritor singular que através de seu discurso denunciava as problemáticas nacionais desde então como

> a discriminação contra a população negra e mestiça, as iniquidades sociais, o elitismo na política, custeado pela economia cafeeira, as teorias raciais, as ações de saneamento e modernização urbana, as mudanças nos costumes, as arengas literárias, os movimentos, tensões e conflitos sociais etc., além de projetos de civilização e identidade nacional que vigoraram no alvorecer do século XX (NATAL, 2017, p. 236).

Para Saturnino e Santos (2015), Lima revelava ainda o que estava encoberto pela sociedade e falava por aqueles tantas vezes reprimidos e desrespeitados por suas menores condições, revigorando de tal maneira os excluídos.

Dessa forma, todo o contexto social, os problemas que faziam parte da vida de Lima, as perdas sofridas por ele contribuíram para além disso a presença da melancolia e depressão em seus escritos, como por exemplo *Diário Íntimo* e *Diário do Hospício*. Seus versos se tornam a partir de então obscuros, fazendo com que leitores percebam um autor, sofrido marcado pelas tragédias da vida.

A PSIQUIATRIA NO CONTEXTO DE LIMA BARRETO

Até a primeira metade do século XIX, os diagnosticados como doentes mentais no Brasil não recebiam tratamento em instituições específicas para esse fim. No Rio de Janeiro, a Santa Casa de Misericórdia cumpria até então o papel de acolher alienados, mas as condições precárias enfrentadas pelos internos motivaram reações por parte da sociedade, que culminaram na criação do primeiro hospital psiquiátrico do Brasil - o Hospício Pedro II - que posteriormente foi renomeado para Hospício Nacional de

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Alienados (HNA), após a Proclamação da República, em 1852. (PAIM, 1991 apud RACHMAN, 2010).

Esse hospício foi construído segundo o modelo francês, inclusive em seus estatutos de funcionamento. De acordo com essa concepção, idealizada por Pinel e Esquirol, o hospital psiquiátrico cumpriria sua função terapêutica por meio do trabalho dos médicos, que seriam ajudados pelos enfermeiros e pela estrutura física adequada do manicômio. (PESSOTTI, 1996 apud RACHMAN, 2010).

A abordagem preconizada pela escola francesa para os doentes mentais era o tratamento moral, termo criado por Pinel em 1801, no qual o doente seria, de acordo com esse método, retirado de seu convívio social para se distanciar do excesso de estímulos emocionais de sua vida cotidiana. Ao experimentar uma realidade sem excessos, com rotina regrada e monitorada à ordem e à disciplina impostos pelo alienista e pelos limites do manicômio, os internos teriam as condições necessárias para a recuperação. (SHORT, 1997 apud RACHMAN, 2010).

Desse modo, Philippe Pinel transforma, então, o conceito de psiquiatria no século XIX. É neste século que além de Pinel, outros estudiosos começam a classificar a doença em categorias e subcategorias. Há uma preocupação por parte desse médico francês acerca do tratamento aos doentes mentais. Estabeleceu separação entre aqueles considerados loucos daqueles que não eram doentes.

O discurso médico no Brasil, segundo Oda e Dalgalarrondo (2000), na época da implantação dos primeiros hospitais psiquiátricos estava impregnado com o ideal pineliano. A agregação do HNA a este modelo, no entanto, teria ocorrido apenas nominalmente, não chegando a se consumar de fato. E assim, como várias outras instituições para tratamento de alienados espalhadas pelo mundo, inúmeros problemas surgiram nesse manicômio, sendo o mais conhecido deles a superlotação, que fez com que, em 1862, o provedor da Santa Casa, que até então administrava o HNA, proibisse novas admissões de internos.

Foi então que em 1903, com a aparição de Juliano Moreira, médico responsável pela introdução no meio psiquiátrico brasileiro de ideias da escola alemã, representada por Emil Kraepelin (1826 – 1926), novas perspectivas de mudanças começaram a aparecer. E uma delas foi o surgimento de uma psiquiatria de cunho mais nacional.

Os diagnósticos que comumente eram percepcionados entre os internos do HNA, em 1875, eram demência, mania, monomania, lipemania, epilepsia, alcoolismo, imbecilidade, histeria e paralisia geral, ressaltando que, segundo o relatório enviado por Juliano Moreira ao Ministro da Justiça do Brasil em 1922, o alcoolismo foi o principal

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

motivo para as novas internações no Hospício Nacional dos Alienados, inclusive para a própria internação de Lima Barreto.

Na verdade o que podemos informar sobre a vida de Lima Barreto é que ele não tinha problemas com alienação como apresentava seu pai. A sua grande fraqueza era de fato o alcoolismo e, nesse contexto, a bebida e a alienação eram motivos para entrar ao manicômio. Observemos o seguinte trecho encontrado no capítulo III de "Diário do Hospício" - A Minha Bebedeira e a Minha Loucura:

> Ao pegar agora no lápis para explicar estas notas que vou escrevendo no Hospício, cercado de delirantes cujo delírios mal compreendo, nessa incoerência verbal de manicômio, em que um diz isto, outro diz aquilo, e que, parecendo conversarem, as idéias e o sentido das frases de cada um dos interlocutores vão cada qual para o seu lado [...] (BARRETO, 1993, p. 37).

A partir desse brevíssimo panorama em relação ao momento histórico da psiquiatria e seus influenciadores no Brasil, mostramos a seguir mais um trecho de *Diário do Hospício,* do capítulo I - O pavilhão e o Pinel -, em que Lima Barreto é internado em um hospício:

> Estou no Hospício, ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia.
> Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça de vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com uma fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria.
> Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material, há

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

> seis anos, me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura, deliro. (BARRETO, 1993, p. 23).

É evidente no fragmento acima as condições a que estavam submetidos os internos nessa época. Lima Barreto foi internado duas vezes no Hospício Nacional, a primeira em 1914 e a segunda em 1918. As suas internações aconteciam sempre no final do ano, na época do Natal.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa de natureza descritivo-qualitativa apresenta como *corpus* as obras *Diário Íntimo* e *Diário do Hospício* de Lima Barreto, escritor brasileiro. A escolha do autor justifica-se por sua biografia e obra. Lima Barreto viveu a maior parte de sua vida em contato íntimo com o desrespeito, preconceito e desigualdade social, bem como com a psiquiatria e a doença mental, seja por causa de seu pai que sofria de quadro delirante, seja por seu próprio histórico de alcoolismo e internações psiquiátricas.

A análise será realizada mediante a Análise do Discurso (AD)[3], cuja pesquisa segue a orientação da Análise do Discurso Francesa (ADF), no intuito de abordar, de acordo com os preceitos da AD, aspectos do discurso de Lima Barreto, no caso, "o dito" (dizível) e "não dito" (não dizível). A escolha dessas obras por ora analisadas tem a ver com o discurso[4] barretiano como prática social e qual o efeito de sentido desse discurso.

Analisaremos à *Diário Íntimo*, por retratar a condição social daqueles que viviam à margem: negros, mulatos e pobres, e à *Diário do Hospício*, por documentar, de maneira impressionante, a internação de Lima Barreto, entre o natal de 1919 e fevereiro de 1920, no Hospício Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro por delírios alcoólicos; este relato, lúcido e profundo, refere-se à sua última internação, em 1919.

---

[3] A AD não constitui metodologia ou técnica de pesquisa, mas uma disciplina de interpretação constituída na intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas da linguística, deslocando-se a noção de fala para discurso; do materialismo histórico, do qual emergiu a teoria da ideologia; e da psicanálise, de onde veio a noção de inconsciente, abordada pela AD como o descentramento do sujeito. (ORLANDI, 2005, p. 26).

[4] "É sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas; é prática política, lugar de debate, conflito e confronto de sentido; surge de outros discursos, ao mesmo tempo em que aponta para outros. Não provém de fonte única, mas de várias". (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

ANÁLISE DO *CORPUS*

Não há como negar que a depressão é tão antiga e ao mesmo tempo atual. Os profissionais da saúde desta área devem estar atentos aos sintomas do paciente com relação ao quadro clínico apresentado, principalmente ao seu discurso. É por intermédio do enunciado que será possível ao profissional da área diagnosticar e fornecer um tratamento adequado, coerente e decente.

Embora muitos podem pensar que a depressão é uma doença que surgiu somente no período pós-moderno, em 1660 essa expressão já era utilizada em inglês (*depression*) para caracterizar o sintoma de desânimo. A loucura estava relacionada aos poderes divinos na Antiguidade Clássica e, portanto, não havia a exclusão desse ser depressivo. A partir da Idade Moderna, a melancolia foi retratada com o maior dos sintomas: o delírio.

Michel Foucault relatou em sua obra "História da Loucura" (2004, p. 290), por exemplo, que nessa época "pessoas acreditavam ser animais, outros pensavam ser feitos de vidro ou de palha e outros imaginavam ser culpados por crimes".

Já pelo final do século XVIII, as ideias delirantes deixam de ser consideradas como característica principal da melancolia e outras qualidades a essa patologia são classificadas como: a inércia, o desespero, uma espécie de estupor morno". (FOUCAULT, 2004, p. 255).

O autor aqui estudado em sua obra póstuma "Diário do Hospício - Cemitério dos Vivos" manifesta também seu conceito acerca da loucura explicitado no trecho do capítulo IV - Alguns Doentes.

> Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só. Há os que deliram, há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso. [...] Há uma nomenclatura, uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições pacientes de tais casos revelando pacientes observações, mas uma explicação da loucura não há. (BARRETO, 1993, p. 39).

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Ainda no século XVIII, que foi marcado pelo grande momento cultural, o Iluminismo, teorias concernentes à loucura começam a aparecer com a seguinte sugestão, de acordo com os estudos do médico Friedrich Hoffmann: a loucura seria uma doença hereditária. Nesse momento em que a razão impera, há o avanço da ciência e os considerados deprimidos são vistos como elementos ociosos e àqueles que são percebidos como tal são restringidos do convívio social. Assim, mesmo que já existissem hospitais para os doentes mentais surgem mais instituições psiquiátricas.

Lima Barreto apresentou traços depressivos logo no início de sua breve vida. De acordo com Barbosa (1988, p. 29), o falecimento precoce da mãe em 1887, aos seis anos de idade, vítima de tuberculose, deixaria um grande vazio na alma deste menino "taciturno, reservado e tímido". Barreto mesmo confessa em *Diário Íntimo*:

> Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve (...) Outra vez que essa vontade me veio foi aos onze anos ou doze, quando fugi do colégio. Armei um laço numa árvore lá do sítio da ilha, mas não me sobrou coragem para me atirar no vazio com ele ao pescoço. (...) Há dias que essa vontade me acompanha; há dias que ela me vê dormir e me saúda ao acordar. Estou com vinte e sete anos (BARRETO, p.59-60).

Quanto à depressão, há um dito e um não dito em relação aos sintomas dessa patologia nas narrativas de Barreto. Seu intuito é (re)significar suas verdades, é se libertar através de seu discurso. A narrativa discursiva barretiana é material palpável para análise devido a essa correlação entre o dizível e o não-dizível. É através dessa relação que há sentido no discurso, mesmo que no silêncio do não-dito, da não palavra, há uma constituição de um "vir-a-ser" discurso (grifo nosso), e como assim assevera Orlandi (2005, p. 82), "o não-dito [...] é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se". Ainda, Foucault em consonância com Pêcheux nos explica que

> O discurso é, na sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita, uma inquietação em face desta existência transitória, destinada, sem dúvida, a apagar-se, mas com uma duração que não nos pertence; inquietação por sentir nessa atividade, quotidiana e banal, poderes e perigos que, sequer, adivinhamos; inquietação por

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

> suspeitarmos das lutas, das vitórias, das feridas, das dominações e das servidões que atravessam tantas palavras, em cujo uso há muito se reduziram as suas rugosidades (FOUCAULT, 1971, p.2).

Uma das características principais que podemos observar em um discurso depressivo é o humor triste. Mas sobre a narrativa depressiva de Lima Barreto, como a depressão pode ser percebida? O que é essa doença afinal?

Antes de analisar aspectos depressivos na obra de Lima Barreto, é necessário compreender o conceito dessa doença, bem como entender as características de uma das doenças que já fazia parte da sociedade em tempos passados e que se torna hoje uma patologia ainda mais constante no mundo contemporâneo. Pereira e Azevedo (2017, p. 212) pontuam que "a depressão não é inerente à atualidade; no entanto, as marcas do capitalismo e do discurso contemporâneo de produção e felicidade a qualquer custo podem maximizar a ocorrência de estados depressivos".

Neste sentido a depressão que já era percebida no tempo de Lima Barreto, acomete atualmente milhões de pessoas em todo o planeta. Heguedusch (2017, p. 10) relata que "em outubro de 2012, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou um documento informando que, atualmente, a depressão afeta mais de 350 milhões de pessoas em todo o mundo, estando entre as principais causas de incapacitação". Pignarre (2012) define a depressão como um "surto" e segundo o autor, a patologia é hoje a quarta causa mundial de incapacidade e deverá assumir à segunda posição nos próximos vinte e cinco anos.

A depressão vem sendo discutida e estudada por diversos autores que buscam de alguma forma hoje encontrar soluções para se não, findá-la, tentar de certa maneira dirimir tal enfermidade tão presente na sociedade atual. Segundo Del Porto (1999, p. 6), "o termo depressão, na linguagem corrente, tem sido empregado para designar tanto um estado afetivo normal (a tristeza), quanto um sintoma, uma síndrome e uma (ou várias) doença(s)". Neste sentido, enquanto doença ele afirma que

> tem sido classificada de várias formas, na dependência do período histórico, da preferência dos autores e do ponto de vista adotado. Entre os quadros mencionados na literatura atual encontram-se: transtorno depressivo maior, melancolia, distimia, depressão integrante do transtorno bipolar tipos I e II, depressão como parte da ciclotimia, etc. (DEL PORTO, 1999, p. 6).

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

No que tange aos sintomas, ainda segundo o autor supracitado (1999), podem estar presentes nos mais diversos quadros clínicos e ocorrem como respostas a situações estressantes ou circunstâncias sociais adversas. Assim, torna-se relevante citarmos aqui a presença dos sintomas depressivos nos versos de Lima Barreto devido a atos preconceituosos sofridos no meio em que vivia. Observe o trecho a seguir na obra *Diário Íntimo*:

> Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia. Porque então essa gente continua a me querer contínuo, porque? Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande. Era de perguntar se o Argolo, vestido assim como eu ando, não seria tomado por contínuo; seria, mas quem o tomasse teria razão, mesmo porque ele é branco. Quando me julgo — nada valho; quando me comparo, sou grande. Enorme consolo. (BARRETO, 2001, p. 38).

Assim, percebe-se diante desse trecho, situações estressantes e circunstâncias sociais vividas por Lima Barreto, tais como a exclusão, preconceito e injustiça social devido à cor de sua pele, podendo de fato desenvolver sintomas da depressão como resposta a estas situações sofridas conforme explicitado por Del Porto (1999).

Ainda relacionado a essa vertente da depressão, segundo Dalgalarrondo (2000), há uma quantidade de sintomas que precisam ser elencados ao concluir um diagnóstico de um quadro depressivo. Entre eles temos: sintomas afetivos, instintivos e neurovegetativos, ideativos e cognitivos, relativos à autovaloração, a volição e à psicomotricidade. Há ainda os sintomas psicóticos e fenômenos biológicos que podem estar em meio a essas descrições.

De acordo ainda com o psiquiatra Paulo Dalgalarrondo (2000), os sujeitos depressivos que são diagnosticados com Transtorno Depressivo Maior (TDM)

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

caracterizam-se pelo humor deprimido, anedonia, fatigabilidade, diminuição da concentração, da autoestima, ideias de culpa, de inutilidade, transtorno do sono e do apetite. Guimarães, Werpp e Santos (2017) complementam ainda a irritabilidade, a falta de higiene e alertam a presença de "prejuízos emocionais, ocupacionais e interpessoais", (GUIMARÃES; WERPP; SANTOS, 2017, p. 1).

Esses sintomas pontuados anteriormente são perceptíveis na narrativa de Lima Barreto. Logo na parte introdutória de *Diário do Hospício* (p. 12), o autor carioca se culpa pela falta de notoriedade que suas obras ainda não têm e desdenha dos autores consagrados da época. O humor deprimido está presente neste trecho "Carta a Lucilo Varejão, RJ, 18/02/1921",

> Meus livros saem errados devido à minha negligência e ao meu relaxamento, à minha letra, aos meus péssimos revisores, inclusive eu mesmo. Isso explica os erros vulgares; mas, quanto aos outros da transcendente gramática dos importantes, eu nunca me incomodei com eles. Lima Barreto. (BARRETO, 1993, p. 10).

A melancolia e a depressão são duas patologias e são vistas de forma diferenciada por alguns autores. No que tange ao conceito de melancolia, sua definição passa por diversas fundamentações, entre as quais, segundo Souza (2017, p. 12),

> os gregos a explicavam a partir de um desequilíbrio da bile negra, os religiosos da Idade Média a viam como um adoecer do espírito – pecado. Por outro lado, os romancistas e filósofos, professam a melancolia como um caráter enaltecedor dos homens excepcionais. A psiquiatria a descreve como uma patologia. Por fim, a psicanálise a concebe como uma neurose de defesa, uma ação singular do sujeito diante de uma perda.

Em relação ao discurso melancólico, ele é percebido, de acordo com a autora Lambotte, como se houvesse uma total ausência do eu. Nesse vazio da subjetivação, dita melancólica, "eu não sou nada" ou "eu não sou nem nunca fui nada" (Lambotte, 2001) não se encontra a nossa compreensão quanto a narrativa barretiana. Ainda utilizando do saber de Lambotte (2001), no discurso depressivo, o sujeito fala de suas inibições, o que o entristece. O enunciador tem condições plenas de (re)contar a sua história, as suas mazelas. É neste contexto que vemos o discurso de Lima Barreto. Na obra *Diário do*

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

Hospício percebemos uma troca de confiança entre o autor pré-modernista e paciente para com o "analista"-médico-ouvinte:

> No dia seguinte à minha entrada na secção e no outro imediato, fui à presença do médico. É um rapaz do meu tempo e deve ter a minha idade, conheci-o estudante; ele, porém, não me conheceu por esse tempo. Nos nossos jornalecos troçamo-lo muito. Eu, porém, não me lembro de qualquer pilheria a seu respeito por mim. Ele me tratou muito bem, auscultou-me, disse-lhe tudo o que sabia das consequências do meu alcoolismo e eu saí do exame muito satisfeito por ter visto no moço uma boa criatura, que não guardava rancor das troças que ele bem podia atribuir a mim. (BARRETO, 1993, p. 31)

Podemos perceber ainda essa melancolia na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (BARRETO, 1988): "Considerei a rua, as casas, as fisionomias dos transeuntes. Olhei uma, duas, mil vezes, os pobres e os ricos. Eu estava só". Ainda por intermédio de Cuti (2009, p. 112), "em face da hostilidade do meio, no qual sonhava inserir-se de forma pacífica e feliz, tendo sido instado a pensar em sua dor", a questão da exclusão embarca em uma linguagem melancólica:

> Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarque, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na banca e saltei. É triste não ser branco. (BARRETO, p. 57).

Para entender a proposta da escrita de Lima Barreto, que rompia com os modelos de seu tempo, Alfredo Bosi (2006) julga necessário que saibamos que esse autor tem origem humilde, dos dilemas relacionados à sua cor, à vida penosa de jornalista e amuense pobre, à viva consciência de sua própria situação social.

A pesquisa salienta como as intempéries sociais que marcaram a trajetória do autor pré-modernista − a falta de dinheiro, o preconceito racial, a falta de reconhecimento de seu feitio literário, a depressão e o alcoolismo, e finalmente, a loucura − transformaram sua voz em silêncio em uma fase totalmente produtiva. O desassossego e a raiva que marcaram a obra de Lima Barreto podem ser observados também em um dos seus conhecidos personagens, Isaías Caminha:

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

> Patife! Patife! A minha indignação veio encontrar os palestradores no máximo de entusiasmo. O meu ódio, brotando naquele meio de satisfação, ganhou mais força. Num relâmpago, passaram-me pelos olhos todas as misérias que me esperavam, a minha irremediável derrota, a minha queda aos poucos – até onde? Até onde? E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia… Imbecis! Pensei eu. […] Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Porque não lhes examina as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem… Ah! Se o fizessem! Que surpresa! […] Veio-me um assomo de ódio, de raiva má, assassina e destruidora; um baixo desejo de matar, de matar muita gente, para ter assim o critério da minha existência de fato. (BARRETO, p. 65).

Por isso, pode-se considerar como uma "Literatura militante", já que seu intuito era voltar-se contra o preconceito e as injustiças sociais. Segundo Lima Barreto: A literatura, na sua concepção, tinha que ser militante, visando o objetivo certo e definido, e não uma "literatura contemplativa"; […] "cheia de ênfase e arrebiques"; […] falsa e sem finalidade. (BARBOSA, 1964, p.174).

Para o crítico Nicolau Sevcenko, Lima Barreto tinha como objetivo exprimir com bastante clareza as mazelas da sociedade. Assim, Sevcenko (2003, p. 168) relata que a missão da tessitura literária barretiana é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando a solidariedade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível notar, o ambiente, seja ele externo ou interno, uma vez abalado, desestrutura àqueles que se veem à margem. A literatura combativa de Lima Barreto protesta as mazelas sofridas pelas pessoas menos favorecidas como ele, e sob um viés militante, desabafa e denuncia os detalhes do cotidiano da sociedade carioca, retratando também o perfil de um brasileiro marginalizado.

Ademais, pôde-se salientar como os sintomas psicopatológicos, como a depressão e/ou melancolia em seus diários marcaram o discurso do autor pré-modernista, transformando suas experiências e indignações em textos que, postumamente fariam parte de nossa literatura clássica brasileira, e cujo teor seria

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

protestar as mazelas sofridas pelas pessoas menos favorecidas, pobres e negras, e sob um viés militante, desabafar e denunciar os detalhes do cotidiano da sociedade, retratando também o perfil de um brasileiro marginalizado.

Chegou-se também à conclusão de que Lima Barreto, durante o período de suas internações e com o fito de ficcionalizar uma escrita de si, procurou escrever em seus diários e romances, episódios que relataram a questão do transtorno mental ou da loucura mediante a experiência que teve nas internações no Hospício Nacional de Alienados (HNA) por conta do alcoolismo. Foi possível analisar o quadro psiquiátrico (ou psicopatológico) de Lima Barreto, sobretudo das particularidades da sua escrita nas narrativas autobiográficas (diários), demonstrando indícios da depressão que o acometia desde muito cedo, motivada principalmente pelo contexto no qual estava inserido em meados do século XIX.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7ª ed. - São Paulo: Itatiaia, 1988.

BARRETO, A.H.L. **Diário Íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. **Diário do Hospício**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993

_____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: **O livro por vir**. Trad. de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 270-278.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRENNA, Giovanna Rosso Del. **O Rio de Janeiro de Pereira Passos.** Uma cidade em questão II. Rio de Janeiro: Index, 1985.

CUTI, Luiz Silva. **A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DEL PORTO, J. A. **Conceito e diagnóstico**. Revista brasileira de psiquiatria. vol.21 s.1 São Paulo, 1999.

FOUCAULT, M. **L'Ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.

_____. **História da Loucura.** 7aed. São Paulo: Perspectiva;2004.

GONZAGA, Sergius. **Curso de literatura brasileira**. 4 Ed. – Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.

GUIMARÃES, L. C.; WERPP, M.; SANTOS, L. A. **Eficácia de intervenções comportamentais no tratamento de pacientes com diagnóstico de transtorno depressivo maior**. 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1082.pdf> Acesso em: 01 jul. 2018.

HEGUEDUSCH, C. V. **Depressão e cidade:** pare o mundo que eu quero descer. 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/148780/heguedush_cv_me_assis_parc.pdf> Acesso em: 04 jul. 2018.

LAMBOTTE, Marie-Claude. **A deserção do Outro**. Revista da associação psicanalítica de porto alegre. Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: APPOA, 20, 84-101.

MAINGUENEAU, D. **O discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.

NATAL, C. M. **O triste visionário:** Lima Barreto e seu tempo. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n68/2316-901X-rieb-68-00235.pdf> Acesso em: 08 jul. 2018.

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Francoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de M. Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 61-105.

PEREIRA, M. B. M.; AZEVEDO, J. M. **Depressão e angústia:** modos de expressão na contemporaneidade. Pretextos- Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas. Arcos - MG, v. 2, n. 3, p. 198-216. 2017.

PIGNARRE, P. (2012). **Comment la dépression est devenue une épidémie**. Paris: La Découverte.

POSSENTI, Sírio. **Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso**
do Brasil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

RICHMAN, S. **A interface entre psiquiatria e literatura na obra de Lima Barreto**. 2010.131 f. Dissertação de Mestrado em Ciências - Departamento de Psiquiatria, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SATURNINO, D. S.; SANTOS, M. S. **O subúrbio e a mulher em Clara dos Anjos de Lima Barreto**. 2015. Disponível em: <http://ramo.uneb.br/bitstream/20.500.11896/374/1/TCC%20MAIARA%20E%20DAIANE.pdf> Acesso em: 07 jul. 2018.

SCLIAR, M. A melancolia na literatura. 2009. In: **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**. Brazilian Journal of Mental Health. v. 1, n. 1. Florianópolis, Santa Catarina.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, R. M. S. **Melancolia:** a dor que transcende a escrita. 2017. Disponível em: <http://rei2.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3275/1/RMSS12122017.pdf> Acesso em: 05 jul. 2018.